

O pai e a problemática do falso si-mesmo em um contexto edípico: um caso de Winnicott

The father and the matter of the false self in an oedipal context: a Winnicott's case

Gabriela B. Galván

Psicóloga clínica, doutora em psicologia pelo IPUSP, professora da Escola Winnicottiana de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana, nos Centros Winnicott de São Paulo e Campinas.

E-mails: gabrielagalvan@terra.com.br / galvan@usp.br

Resumo: Em um texto dedicado ao conceito de falso si-mesmo, Winnicott apresenta um fragmento de caso clínico, a história de um garoto de dez anos que está apresentando dificuldades próprias aos conflitos internos decorrentes das relações triangulares, sendo que a problemática do menino se estabelece, principalmente, na relação com o pai – no sentido de alguém externo e significativo como terceira pessoa. Embora o estudo a respeito do falso si-mesmo concentre-se, sobretudo, nas etapas iniciais da vida, sabemos que devido à presença de um falso si-mesmo patológico muitas formas de distorção do amadurecimento podem acontecer em etapas posteriores à conquista da integração do eu unitário. Neste trabalho, discutirei um aspecto da questão do falso si-mesmo na elaboração dos conflitos edípicos, considerando especialmente a relação do menino com o pai.

Palavras-chave: falso si-mesmo; complexo de Édipo; amadurecimento pessoal; caso clínico, Winnicott.

Abstract: In a text dedicated to the concept of false self, Winnicott presents a fragment of a clinical case, the story of a 10 year-old boy who is presenting difficulties inherent to the internal conflicts arising from the triangular relations, being that the boy's issue rests, mainly, on the relationship with his father – in the sense of an outsider and meaningful as a third person. Although the study about the false self concentrates mainly on the early stages of life, we know that due to the presence of a pathological false self many forms of distortion of maturation may occur in stages posterior. In this work I will discuss an aspect of the false self matter in the preparation of the oedipal conflicts, especially considering the relationship between the boy and

his father.

Keywords: False self; Oedipus complex; personal maturation; clinical case; Winnicott.

A presença e a influência específica do pai no amadurecimento infantil podem ser abordadas sob diversos aspectos. O pai tem uma participação própria e significativa nas diversas etapas desse processo, podendo tanto facilitar quanto dificultar, ou até mesmo comprometer, a possibilidade de a criança amadurecer e tornar-se saudavelmente independente. O pai pode, portanto, estar envolvido – em vários graus e de diferentes maneiras – na etiologia dos distúrbios psíquicos.

Diversas situações clínicas podem ser analisadas efetuando-se um recorte que lance luz ao relacionamento do paciente em questão com o pai. Em outras palavras, uma determinada condição de adoecimento psíquico, dependendo do momento do amadurecimento no qual ocorre, pode ter em sua etiologia falhas paternas que necessitam ser compreendidas e tratadas.

Neste trabalho pretende-se discutir o tema do pai, na etapa das relações triangulares, relacionando-o especificamente à defesa do tipo falso si-mesmo. Para tanto será necessário, inicialmente, levantar alguns pontos essenciais e significativos a respeito do conceito de falso si-mesmo para, posteriormente, articular o tema com um caso clínico descrito por Winnicott.

Dentre as inerentes tarefas impostas pela natureza humana, e que dão sentido à afirmação de Winnicott de que viver não é fácil, está a que se refere à eterna necessidade de conciliação entre o verdadeiro e o falso si-mesmo. O cerne dessa questão está nada menos do que no encontro do indivíduo com o mundo. Uma vez que a personalidade integrada e o contato com a realidade compartilhada são conquistas do amadurecimento, não se podem tomar como dados ou garantidos nem uma nem o outro.

Para alguns indivíduos, o contato com a realidade é apenas uma das muitas nuances que tornam a vida complexa, de maneira que esse ponto não chega a ser o problema vital da existência, a realidade compartilhada não ameaça a integridade pessoal e o termo falso si-mesmo engloba, tão somente, as concessões necessárias ao convívio social. Para outros, no entanto, o contato com o outro carrega consigo a ameaça de aniquilação do si-mesmo e o termo falso si-mesmo diz respeito, em diversos graus, a um modo de relacionamento pautado pela submissão defensiva à realidade compartilhada e a proteção do si-mesmo verdadeiro torna-se o ponto nodal do viver.

O convívio social, a inserção em um grupo ou comunidade específica, o aproveitamento do legado cultural existente, o próprio relacionamento interpessoal somente são possíveis se houver uma conciliação entre a aceitação do que vem “de fora” – se puder ser experimentado como algum tipo de contribuição à existência individual – e a manutenção da espontaneidade e do impulso pessoal. A conciliação entre o próprio e o alheio, entre o criativo e o reativo, entre o que Winnicott chamará de verdadeiro si-mesmo e falso si-mesmo é uma tarefa para toda a vida e os alicerces que tornam possível realizá-la são lançados no início da vida, quando o indivíduo sequer é um e a dependência é absoluta.

Isso porque é nas etapas iniciais da vida, quando a dependência é mais intensa, que se estabelecem as bases para o desenvolvimento da personalidade e para a saúde psíquica. Em uma linguagem que privilegia o ponto aqui abordado, poderíamos dizer que, para que o indivíduo viva e se relacione com base, prioritariamente, na espontaneidade ou no verdadeiro si-mesmo, é fundamental que o encontro inicial do bebê com o mundo (do indivíduo com os objetos) tenha se dado com base na criatividade originária. Caso contrário, e na ausência de uma adaptação ambiental ativa suficientemente boa, o resultado pode ser uma cisão significativa entre o verdadeiro e o falso si-mesmo de modo que:

A raiz do verdadeiro si-mesmo dotado de espontaneidade permanece relacionada onipotentemente ao mundo subjetivo, incomunicável, e o falso si-mesmo baseado na submissão (destituído de espontaneidade) relaciona-se com o que chamamos de realidade externa. (Winnicott, 1988/1990, p. 158)

Partindo do princípio de que somente o que se vive como experiência, enraizado no verdadeiro si-mesmo, pode ser sentido como real, a vida e as relações que se estabelecem com base no falso si-mesmo cindido – necessário como defesa diante de uma falha materna nesse período mais inicial do amadurecimento – redundam em um sentimento de irrealidade do mundo e do próprio indivíduo, e em um empobrecimento significativo da personalidade.

Há que se considerar, entretanto, que o amadurecimento não é um percurso predeterminado, nem ao menos tem uma única direção, no sentido da progressão, de maneira que a integração da personalidade não tem um fim, um ponto de chegada no

qual a tarefa estará completa e – embora em condições apropriadas ganhe solidez e força – é uma conquista a ser renovada por toda a vida.

Desse modo e dentre outras, as tarefas de articular o subjetivamente concebido com o objetivamente percebido, e de adquirir e manter a capacidade para se relacionar com a realidade compartilhada sem perder a espontaneidade pessoal, permanecem presentes ao longo do viver e podem, portanto, rerepresentar-se de diferentes formas nas mais diversas etapas do amadurecimento, ainda que as consequências e as dificuldades enfrentadas pelo indivíduo sejam muito distintas se as questões que envolvem a integração do verdadeiro e do falso si-mesmo se complicam no início da vida ou se estão relacionadas com problemáticas mais amadurecidas. Winnicott, ao tratar dos vários graus de falso si-mesmo, afirma que:

[...] nos graus menos extremos dessa doença não é tanto o estado primário de cisão que iremos encontrar, e sim uma organização secundária cindida que indica uma regressão diante de dificuldades encontradas num estágio posterior do desenvolvimento emocional. (1988/1990, p. 128)

Aqui, o autor indica que há uma relação existente entre o grau de falso si-mesmo e o momento do amadurecimento no qual o indivíduo encontrou dificuldades que o levaram à organização defensiva. Uma hipótese seria que, quanto mais precoce a necessidade de estruturar essa defesa, menos integração pôde ser alcançada e maior será a cisão entre o verdadeiro e o falso si-mesmo. Quando as dificuldades que levam à exacerbação da defesa do tipo falso si-mesmo ocorrem em etapas mais adiantadas e, particularmente, posteriores ao alcance da integração em uma unidade, é muito provável que o resultado não seja propriamente a cisão entre o verdadeiro e o falso si-mesmo, mas uma dissociação – entendida como “o termo que descreve uma condição da personalidade relativamente bem desenvolvida, na qual há uma excessiva falta de comunicação entre os diversos elementos” (1988/1990, p. 159). Dissociação esta, é importante acrescentar, relativa a aspectos da etapa do amadurecimento a qual está sendo elaborada.

Chego aqui ao ponto que gostaria de discutir neste trabalho, ou seja, a questão do falso si-mesmo em um contexto não somente mais amadurecido, mas também no qual a relação da criança com o pai adquire contornos próprios e o pai é significativo como terceira pessoa, a saber, o contexto das relações triangulares. O tema é bastante

amplo, de modo que focalizarei a discussão em um ponto importante da resolução edípica masculina – a identificação do menino com o pai –, e utilizarei, para esse fim, um fragmento de caso clínico, relatado por Winnicott, em um texto no qual trata do conceito de falso si-mesmo. Como veremos na análise a seguir, a identificação, quando saudável, é uma conquista esperada que decorre do paulatino amadurecimento, pertence a um dos aspectos da resolução edípica e não ameaça a identidade pessoal. Esse processo difere de uma submissão ao modelo parental em termos de falso si-mesmo. Assim, quando não é possível que se estabeleça uma identificação em termos de amadurecimento saudável, podemos encontrar uma solução na linha do falso si-mesmo, que, por se dar na base da submissão, ameaça o sentido de ser do indivíduo, é falsa e leva a falsas resoluções. Transcrevo a descrição do caso feita por Winnicott:

É um menino de dez anos, filho de um colega. Tem um problema urgente. Está vivendo num lar feliz, mas isso não muda o fato de que a vida é difícil para ele, como para qualquer outro. Seu problema particular no momento é que ele sofreu uma transformação na escola, depois de um período em que tinha dificuldades e vinha sendo sempre malsucedido. Começou a aprender e a se sair bem. Todo o mundo ficou maravilhado e falava dele como sendo “o milagre do século XX”. No entanto há uma complicação: ele não consegue dormir. Diz a seus pais, pessoas muito compreensivas: “O problema é esse negócio de ir bem na escola. É terrível, é coisa de menina”. Fica acordado e é tomado por todo tipo de preocupação, que inclui a ideia de que seu pai e ele mesmo vão morrer. O garoto foi muito preciso na conexão entre suas preocupações e sua mudança de caráter. Foi depois de ter começado a “ir bem” na escola pela primeira vez. Numa de nossas entrevistas, esse menino me contou sonhos. Um deles é especialmente significativo: ele relatou uma imagem dele próprio na cama, junto com um assassino munido de uma espada, e então ele se sentou na cama, muito assustado, com a mão na boca, e o assassino estava a ponto de cravar-lhe a espada. Vocês podem perceber no sonho uma mistura de assassinato com ataque sexual simbólico, um tipo de sonho que não é incomum para um garoto dessa idade. (Winnicott, 1986e[1969]/2005, p. 55)

Ao apresentar o caso, Winnicott afirma, categoricamente, que se trata de um menino saudável, o que pode ser entendido, no contexto da teoria do amadurecimento pessoal, como descrito a seguir: o garoto do qual se trata, relativamente maduro de

acordo com sua idade, alcançou a etapa em que os conflitos internos relativos aos relacionamentos interpessoais se tornaram possíveis. Está presente, nos sonhos que o afligem, a tentativa – ou o seu fracasso – de administrar as tensões instintuais, de caráter genital, que surgem no relacionamento com os pais. Em meio a essa elaboração, explicita Winnicott que “a criança saudável torna-se capaz de ter sonhos plenamente genitais” (1988/1990, p. 77), e em seus sonhos e fantasias estão presentes todas as consequências possíveis da vivência instintiva: no caso dos meninos, a morte, sua ou do pai, como resultado do confronto entre eles, a ideia da castração, a ligação homossexual com o pai ou a conquista da mãe e, portanto, a terrível responsabilidade de ter que garantir a satisfação desta, como mulher (cf. Winnicott, 1988/1990, p. 77).

Para que a elaboração desses conflitos e ansiedades seja possível, a criança necessita experimentá-los na fantasia e ter, na realidade da relação cotidiana com os pais, a ajuda para discriminar aquilo que é fato daquilo que habita, apenas, o terreno de sua fantasia. O confronto com o pai, se puder ser assim vivido, permitirá que acordos sejam feitos e que o menino chegue a uma solução, pela via da identificação. Resumidamente, podemos assim descrever a elaboração do Édipo, segundo Winnicott:

No mais simples dos casos possíveis, que Freud tomou como base para o desenvolvimento de sua teoria, o menino apaixona-se por sua mãe. O pai é utilizado pelo menino como um protótipo da consciência. O menino interioriza o pai que ele conhece, e chega com ele a um acordo. Mas outras coisas também acontecem, e podemos até enumerá-las. O menino perde um pouco de sua capacidade potencial instintiva, negando desta forma uma parte do que ele vinha reivindicando. Até certo ponto, ele desloca o seu objeto de amor, substituindo a mãe por uma irmã, tia, babá, alguém menos envolvido com o pai. E mais, até certo ponto o menino estabelece um pacto homossexual com o pai, de modo que sua própria potência não é mais apenas dele, e sim uma nova expressão da potência do pai, por meio da identificação internalizada e aceita [...]. Por identificação com o pai ou com a figura paterna, o menino obtém uma potência por procuração e uma potência adiada, mas própria, que poderá ser recuperada na puberdade. (1988/1990, p. 73)

De volta ao caso clínico, Winnicott nos conta que o menino detestava entrar em conflito com o pai, o que era um problema, já que ele também desejava se aproximar do pai, e os conflitos, necessariamente, fazem parte de uma relação próxima e pessoal.

Quando era bem comportado e se saía bem na escola, a relação com o pai também ficava boa, mas esse fato tinha outras consequências, como se pode observar no relato do analista:

A questão é que, ao falar comigo a respeito desses assuntos, o menino foi capaz de explicar que, se ele se comporta bem, ele e seu pai se dão bem, mas, com o correr do tempo, o garoto começa a perder a identidade. Nesse ponto, ele se torna desafiador e se recusa a fazer o que lhe dizem. Odeia entrar em conflito com o pai e geralmente dá um jeito de transferir o problema para a escola e irritar seus professores. Dessa forma se sente real. Caso esse menino seja bom então surge o sonho do assassino – e aí ele fica apavorado, não tanto com o fato de poder ser morto, mas de passar para a posição de querer ser morto, o que o faz se sentir identificado com meninas e não com meninos. (Winnicott, 1986e[1969]/2005, p. 56)

Podemos supor, considerando o todo da história, que esse garoto estava à procura da definição de uma identidade sexual, própria dessa etapa do amadurecimento e, nesse sentido, em busca do pai, como figura de identificação, de forma a poder integrar, entre outros aspectos, a masculinidade genital e chegar a uma elaboração mais completa da problemática edípica. A questão é que, para que a identificação possa efetivamente se dar como tal, é necessário que exista uma relação real que a sustente e a torne verdadeira – nesse sentido, uma relação que possa também incluir a ambivalência dos sentimentos. É preciso que o pai possa ser admirado, mas também que possa ser atacado, criticado, confrontado, que o menino possa, em certo sentido, romper com ele e se diferenciar. Ao falar das sucessivas rupturas relativamente aos pais, que caracterizam o processo de crescimento dos indivíduos, Winnicott afirma:

Na prática, a violência desses acontecimentos é geralmente mascarada pelo processo de identificação – sobretudo a identificação do menino com o pai e da menina com a mãe. A identificação não representa, porém, uma solução satisfatória para a vida, a não ser que o menino ou a menina tenham alcançado o sonho de uma deposição violenta. (Winnicott, 1965p[1960]/2001, p. 135)

Ou seja, para que a identificação com o pai ocorra, é necessário que, na relação com o pai real, este esteja presente e consiga lidar com o ódio infantil, que o pai possa

rivalizar com o menino, legitimando a sua potência relativa, ao mesmo tempo em que o impede de ir adiante na realização dos desejos que nutre em relação à mãe. Segundo Rosa que examinou o tema do pai em Winnicott:

O menino só pode amar e odiar, e aprender a rivalizar, com um pai que sobreviva, que saiba defender-se, que tenha força suficiente para aguentar o enfrentamento. Se o menino não consegue sentir ódio pelo pai será mais difícil amá-lo como homem e identificar-se com ele. (2011, p. 124)

Além da rivalidade, também é necessário que o pai aceite o amor a ele dirigido – sem temer tendências homossexuais do filho ou dele mesmo – de maneira que possa se pôr ao lado do menino, como a figura forte que lhe empresta uma potência masculina, da qual a criança vai podendo se apropriar ao permanecer ligada ao pai, identificada com ele. Não sabemos ao certo quais as dificuldades presentes na relação do colega de Winnicott com seu filho, mas podemos afirmar que o menino enfrenta dificuldades ao não conseguir, de fato, se identificar, tentando uma saída pela via do falso si-mesmo. É nessa direção que Winnicott compreende a problemática do garoto:

Usando a linguagem que proponho, ele é capaz de empregar um falso si-mesmo que agrada todo mundo, mas isso o faz se sentir péssimo. Em alguns casos, tal ocorrência faria a pessoa se sentir irreal, mas, para esse menino, o problema é que ele se sente ameaçado, como se fosse ser transformado numa mulher ou no parceiro passivo de um ataque. Fica então muito tentado a procurar algo que seja mais na linha de um si-mesmo verdadeiro – daí a atitude de desafio e insatisfação contínua, ainda que isso continue não produzindo uma resposta satisfatória a seu problema. (Winnicott, 1986e[1969]/2005, p. 56)

O que pretendo afirmar é que esse menino, em meio aos conflitos próprios da vivência edípica, não encontra na relação efetiva com o pai o caminho que o conduziria à identificação e, assim, facilitaria a integração do aspecto masculino de sua personalidade. O garoto não consegue rivalizar com o pai e chegar com este num acordo, então ele tenta se aproximar do pai atendendo às expectativas deste e, para isso, se utiliza de um falso si-mesmo, tornando-se “o milagre do século XX”. Ele se transforma no bom aluno que o pai gostaria que ele fosse, o que é diferente do menino se mirar no pai, admirá-lo e querer ser, de alguma forma, como ele. Ao se sair bem na

escola, o garoto não se identifica com o pai, mas se submete ao pai, o que consiste em uma solução artificial, de modo que a genitalidade masculina fica, em certo sentido, não integrada.

O resultado é que o menino não se sente irreal, porque não é a totalidade do si-mesmo que está ameaçada, mas sente-se distanciado da posição masculina, temendo ser transformado na parceira passiva do pai – uma mulher. Sente-se subjugado ao pai. Na tentativa de resolver a dissociação que se colocara, nesse aspecto, o menino recorre a provocações na escola e, assim, consegue reaver algo de sua potência masculina, mas não consegue, por outro lado, o que realmente necessita: identificar-se com o pai, o que dificulta que o garoto chegue à resolução saudável dos conflitos edípicos.

A análise aqui apresentada, ao incluir a problemática do falso si-mesmo em um contexto edipiano, faz notar a complexidade das experiências relativas ao estágio das relações triangulares e, tomando como base a teoria do amadurecimento pessoal de Winnicott, acrescenta elementos que podem levar a ampliar a compreensão das vivências que se dão nessa etapa, cujas maneiras de se apresentarem e de se encaminharem extrapolam as duas hipóteses normalmente consideradas pela psicanálise tradicional, que são ou a saúde ou a neurose.

Referências

Rosa, C. D. (2011). *O pai e suas falhas na psicanálise de D. W. Winnicott*. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)

Winnicott, D.W. (2001). Família e maturidade emocional. In D. Winnicott (2001/1965a), *A família e o desenvolvimento individual* (2ª edição, pp. 129-138). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1965p[1960])

Winnicott, D. W. (2005). O conceito de falso *self*. In D. Winnicott (2005/1986b), *Tudo começa em casa* (4ª edição, pp. 53-58). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1986e[1969])